



ANAIS DO MUNICÍPIO DE FARO

Volume XLV 2023

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Anais do Município de Faro | Volume XLV - 2023

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Município de Faro

DIRETOR

Guilherme d'Oliveira Martins | *Jurisconsulto e Professor Universitário*

CONSELHO COORDENADOR

Paulo Santos | *Vice-Presidente da Câmara Municipal de Faro*

Sandra Martins | *Chefe de Divisão de Bibliotecas e Arquivo*

Elsa Vaz | *Técnica Superior da Divisão de Bibliotecas e Arquivo*

COLABORADORES DESTE NÚMERO

Artur Barracosa Mendonça | *Professor do EB e Secundário | Investigador de História Regional e Local*

Augusto Miranda | *Professor | Presidente da Direção do Club Fareense de 2013 à atualidade*

Aurélio Nuno Cabrita | *Investigador de História Regional*

Carlos Afonso | *Professor | Presidente da Direção do Club Fareense de 2001 a 2006*

Carmina Cavaco | *Universidade de Lisboa (Geografia)*

Fernando Pessanha | *Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes/VRSA*

Filipa Rabaça | *Arquiteta Paisagista*

Francisco Melo Ferreira | *Professor aposentado de Geografia | Investigador do CLEPUL, FLUL, Universidade de Lisboa*

Gonçalo Duarte Gomes | *Arquiteto Paisagista | Centro de História de Arte e Investigação Artística - Univ. Évora*

João Leal | *Jornalista*

João Romero Chagas Aleixo | *Doutorado em História | Investigador do Instituto de História Contemporânea - Nova/ F.C.S.H.*

Joaquim Manuel Vieira Rodrigues | *Doutorado em História | Investigador Integrado FCSH - UNL*

José d'Encarnação | *Universidade de Coimbra*

José Manuel Martins | *Professor do Ensino Secundário*

Lídia Jorge | *Escritora*

Luísa Fernanda Guerreiro Martins | *Historiadora de Arte*

Maria Lucinda Fonseca | *Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa*

Marco Lopes | *Diretor do Museu Municipal de Faro*

Marco Sousa Santos | *Historiador de Arte*

María del Castillo García Romero | *Área da História da Arte - Universidade de Cádiz*

Patrícia de Jesus Palma | *CHAM - Centro de Humanidades, NOVA FCSH-UAc*

REVISÃO

Elsa Vaz

FOTOGRAFIA DA CAPA

Aero Foto Algarve

CONCEÇÃO GRÁFICA

Sul, Sol e Sal

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Comercial

DEPÓSITO LEGAL

36142/90

ISSN

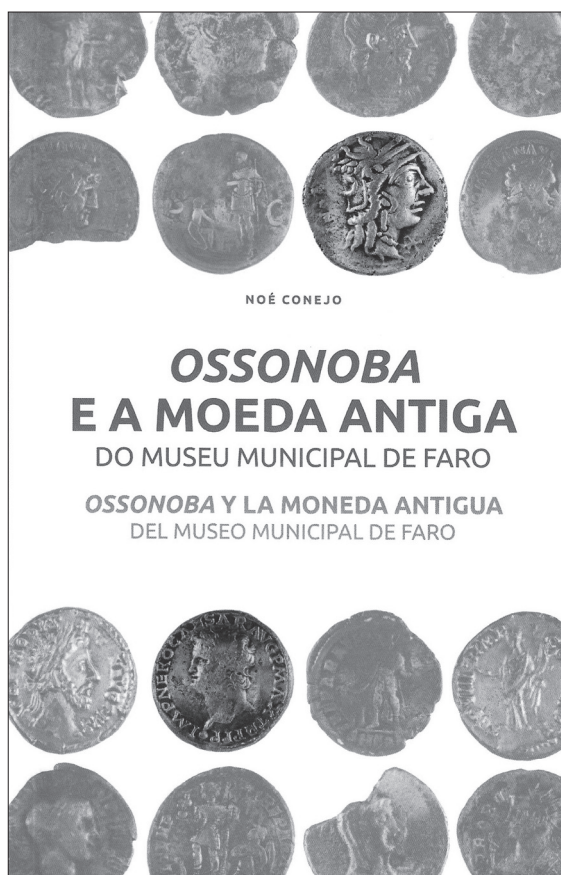
0871-0872

TIRAGEM 1000 exemplares

RECENSÃO: *NOÉ CONEJO, OSSONoba
E A MOEDA ANTIGA DO MUSEU
MUNICIPAL DE FARO.*

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO, 2022.
ISBN: 978-989-53011-4-0. 168 PÁG., ILUSTR.

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra



O formato A5 poderia induzir em erro. É que, na verdade, a mancha gráfica do texto, a 2 colunas e corpo 10, vai permitir uma densidade informativa insuspeitada, que a bem ajustada maquetização acaba por potenciar. Ou seja: nem é um livro pequeno nem é diminuta (longe disso!) a informação que veicula, para mais em papel couché de mui excelente impressão.

Capa

Uma cuidada edição bilingue (português e castelhano) e totalmente a cores.

Houve, por outro lado, a preocupação de dar aos capítulos nomes apelativos, susceptíveis não apenas de aliciarem à leitura, mas também de lhe pautarem o ritmo. Assim, há nada menos que seis entradas preliminares:

– Em «Museu Municipal de Faro», a palavra de louvor e incentivo pertence ao presidente da autarquia, Rogério Bacalhau, a realçar a importância do espólio exposto nos museus para mais efectiva construção da cidadania.

– Em «Entre bronzes e cobres», Marco Lopes, o director do Museu, conta mui expressivamente o contributo da moeda para a reconstituição da vida social, económica e política de outrora. Começa assim: «Ouve-se o tilintar das moedas na antiga Ossónoba, sempre em constante agitação de gente e de negócios de banca, onde se vende vinho, azeite e pescado, capturado pelos pescadores daquelas bandas» – e o leitor vai por i, surpreendendo-se...

– Coube à Doutora Catarina Viegas a sábia elaboração do prólogo, em que mostra, com saber de experiência feito, como pode contar-se a história da cidade através das moedas que o Museu foi guardando.

– Na Introdução, para além das palavras habituais de reconhecimento pelos apoios recebidos, o Autor realça as características mais significativas do que estudou e explica como agora o apresenta.

– Em «Ria Formosa: o local ideal para a cidade de Osso noba», Noé Conejo não pretende voltar à discussão, hoje ultrapassada, sobre a implantação da cidade romana se em Milreu ou aqui, nas margens da Ria, mas sim louvar a consabida inteligência do Povo Romano, ao escolher o sítio para nele implantar tão importante empório.

– «Das origens de *Ossonoba* aos contactos com Roma», neste último capítulo introdutório, faz-se a história dos primórdios da cidade, veiculando-se as reflexões – próprias e alheias (de Francisca Chaves, Ana Margarida Arruda, Vasco Mantas, João Pedro Bernardes, por exemplo) – que as emissões monetárias locais suscitaram, enquadradas no panorama do litoral algarvio na época romana. Resulta, sem dúvida, notável a hipótese de a cidade ter cunhado moeda ainda em época republicana.

Os capítulos seguintes correspondem, cada um, a um século. Sabemos, hoje, até porque boa parte de nós já nasceu duas ou mais décadas antes da mudança de século, que essa divisão cronológica é mero artifício e não gaveta de contador indiano cada uma com seus objectos distintos. Passou-se de 1999 para 2000 com fogo de artifício, sim, mas nada se alterou na economia, na saúde, na política. Sim, na amoedação, atendendo a que se pôs data diferente; essa, porém, foi mera etiqueta circunstancial. Em todo o caso, em termos gerais, o que o Autor etiquetou merece o nosso aplauso,

pela forma sugestiva de nos apresentar uma história na sua amplitude.

Portanto, para Noé Conejo e em termos numismáticos, o século I d. C. consubstancia «anos de mudança»; no II, os anos são «de tranquilidade e continuidade»; há, no III, «florescimento»; vê no IV «o início de uma crise» e marca o V «o fim da moeda romana do Ocidente», porque as moedas que circulam são, na sua maioria, cunhadas na zona oriental do Império.

Coincide esta panorâmica com as informações fornecidas por outros indícios, os arqueológicos e os epigráficos, nomeadamente. Razões terá havido para, em 254 ou 255, a *respublica Ossonobensis*, declarando-se devota *numini maiestatique* do imperador Valeriano, o ter homenageado com uma inscrição *ex decreto ordinis*, por ordem dos seus magistrados, os decuriões. Ou, no ano de 274, do mesmo modo, se haver prestado culto (digamos assim) a Aureliano. Ambas as epígrafes a demonstrarem conforto na pertença a este mundo político, económico e social.

Já o século IV irá corresponder a algum desconforto urbano, que leva os senhores a refugiarem-se em casas de campo, as *villae*, de certo modo saudosos de tempos idos, se assim interpretarmos – como tem sido interpretado – o gosto pelas representações mitológicas em magníficos mosaicos, os deuses que haviam propiciado a grandeza de Roma...

Nas «considerações finais», Noé Conejo conclui que este seu estudo das 127 numismas conservadas no Museu de Faro confirma «a importância de *Ossonoba* como cidade portuária». E advoga que outros conjuntos numismáticos provenientes de escavações ou guardados em museus venham a ser publicados, a fim de melhor se compreender «a circulação da moeda antiga na região algarvia». Dir-se-á, em jeito de complemento, que a investigação regional ganhará maior fôlego se tiver em conta o que, no âmbito da Numismática Romana, já se publicou entre nós e que pode ser compulsado na exaustiva bibliografia apresentada (p. 84-89). No caso dos museus portugueses, além do citado volume III das *Fouilles de Conimbriga* (1974) exclusivamente dedicado às moedas daquela cidade, já dispomos hoje, por exemplo, de catálogos, devidos, de modo especial, ao entusiasmo da Dra. Isabel Pereira:

– *Moedas Romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém*, Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2007 [de colaboração com Teófilo Silva];

– *As Moedas. Villa Romana do Rabaçal* (Penela – Portugal). 25 Anos de Trabalhos Arqueológicos (1984-2010), Câmara Municipal de Penela, 2012 [de colaboração com Miguel Pessoa e Teófilo Silva];

– *A Coleção Numismática do Museu Nacional de Machado de Castro*, DGPC, Lisboa, 2021 [de colaboração com Teófilo Silva, António Pacheco e Ricardo Costeira da Silva].

Também de sítios arqueológicos se deram já a conhecer sistematicamente os espólios numismáticos: o das *villae* romanas de S. Cucufate, da autoria também de Isabel Pereira, com a colaboração de Jean-Pierre Bost (p. 195-217 de *Les Villas Romaines de São Cucufate*, Paris, 1990); o da *villa* romana de Freiria (Guilherme Cardoso, *Villa Romana de Freiria – Estudo Arqueológico*, Câmara Municipal de Cascais, 2018, p. 224-261).

Voltando ao livro que ora nos prende, acrescentar-se-á um pormenor que não é de somenos: houve o cuidado de explicar como se deve utilizar o catálogo, que abrange as páginas 95 a 165, e como é que ele foi organizado. De cada numisma se elaborou uma ficha com todos os pormenores descritivos, ilustrada pela respectiva fotografia a cores.

República Romana | República Romana 97

Século II — I a.C. | Siglo II — I a.C.

— REPÚBLICA ROMANA
REPÚBLICA ROMANA




Frente | Verso

↓

3. N° Inv:1450
 Denário, M. Calidius e Q. Caecilius Metellus, Familia Caecilia, Roma, 117-116 a.C. | **Anv:** ROMA. Cabeça de Roma com elmo. ✕ por baixo do queixo. | **Rev:** Vitória em biga a galope, segurando uma coroa. Em baixo M· CALID/Q·ME·CNFI | **Peso:** 3,63 g; | **Módulo:** 19 mm; | **Eixo:** 2 h. | **Ref. Bibliográfica:** RRC 284/1a.
 Denario, M. Calidius y Q. Caecilius Metellus, Familia Caecilia, Roma, 117-116 a.C. | **Anv:** ROMA. Cabeza galeada de Roma. ✕ debajo del mentón | **Rev:** Victoria portando corona en biga al galope. Debajo M· CALID/Q·ME·CNFI | **Peso:** 3,63 gr.; | **Módulo:** 19 mm; | **Eje:** 2h. | **Ref. Bibliográfica:** RRC 284/1a.

Ilustração na página 97

Termina o volume com breve biografia do seu autor.

Um volume, pois, muito prático, de fácil manuseio, a partir do qual podem vir a ser feitas outras investigações. De facto, se já é certo a moeda constituir, em si, um documento histórico, pelos elementos que apresenta (a efígie do imperador, uma divindade, uma legenda sintomática...), a sua presença ou ausência permitem definir circuitos económicos e, concomitantemente, relações culturais.

Aplauda-se, por conseguinte, a sua concretização pela autarquia, que assim demonstrou compreender o alcance que pode ter algo aparentemente tão comezinho como uma moeda velha, de antigamente...



ANAIIS DO MUNICÍPIO DE FARO
Volume XLV 2023

